



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, às emissoras de rádio Band AM e Bandnews FM, CBN e Jovem Pan

Palácio do Planalto, 07 de dezembro de 2005

José Paulo de Andrade – Rádios Bandeirantes AM e Bandnews FM: Bom dia. Bom dia, presidente Lula. Bom dia, companheiro jornalista Lula. A minha primeira pergunta se refere a emprego. No seu programa de governo, no caderno “Mais e Melhores Empregos”, que o senhor me entregou pessoalmente e disse: “depois, me cobre”, o senhor acenava com a criação de 10 milhões de empregos que dependeriam do crescimento do PIB, de 5%, entre 2003/2006, da redução de jornada de trabalho, de horas extras e do padrão de gastos públicos. Nós chegamos a 2005 com um PIB, mal e mal, de 3% este ano. A reforma trabalhista não saiu e os gastos públicos continuam elevados. O senhor fala em geração de três milhões e 300 mil empregos até agora, o que seria menos de um terço desses 10 milhões que foram embalados na propaganda política como promessa, embora no seu programa de governo fosse um aceno.

O que falhou nesse planejamento, Presidente?

Presidente: Graças a Deus, José Paulo, quero te cumprimentar, primeiro, cumprimentar os ouvintes da Rádio Rede Bandeirantes e dizer que graças a Deus um jornalista coloca a coisa como ela foi, efetivamente. Se você leu, como você disse, o programa do governo, você percebeu que em nenhum momento nós afirmávamos que íamos criar, nós afirmávamos que era necessário, que o Brasil precisava de 10 milhões de empregos e colocávamos as condições pelas quais o Brasil poderia criar 10 milhões de empregos. Essa



é a mais pura verdade, está escrito e acho que muitos de vocês têm isso na mão.

José Paulo de Andrade – Rádios Bandeirantes AM e Bandnews FM: Mas a propaganda dizia 10 milhões.

Presidente: Mas é importante dizer o seguinte: é importante a gente analisar o Brasil como estava, do ponto de vista da geração de empregos, e ver o Brasil como está agora, do ponto de vista da geração de empregos. O dado mais forte que eu poderia te dar é que de 1994 a 2002 nós tivemos uma média positiva de geração de empregos de oito mil empregos mensais, se você fizer a diferença entre trabalhadores demitidos e os trabalhadores admitidos. E nesses 35 meses de governo nós geramos uma média de 108 mil empregos mensais, ou seja, 12 vezes mais aquilo que era gerado no governo anterior, por conta não apenas da economia crescer mais do que cresceu no governo anterior, levando em conta o sacrifício que nós tivemos que fazer, no ano de 2003, para poder dar conta de controlar a inflação e não permitir que ela desacelerasse outra vez. Nós praticamente crescemos zero em 2003, nós tivemos, no ano de 2004, um crescimento que eu acho que pode ser a média do crescimento brasileiro por muitos e muitos anos. E ficou demonstrado que é plenamente possível criar muito mais empregos no país.

E porque nós criamos essa quantidade de emprego no país, de três milhões e 800 mil empregos com carteira profissional assinada apenas em 2004 e 2005, se a gente pegar os anos em que a economia melhorou? É porque nós fizemos uma forte distribuição de renda neste país, uma forte política de crédito, uma forte política de microcrédito, uma forte política para a agricultura familiar, uma forte política de crédito consignado, que colocou no mercado 29 bilhões de reais para as pessoas poderem consumir mais ou saldar suas dívidas anteriores. Isso permitiu que nós tivéssemos uma geração



de empregos com carteira assinada, na minha opinião, se comparada aos últimos 20 anos, porque eu sempre trabalho com 20 anos, eu trabalho com a década perdida e trabalho com a década estagnada, que foi de 1990 a 2000, e a perdida, de 1980 a 1990. E que nós fizemos nesses 35 meses muito, infinitamente muito mais do que foi feito em todos os outros governos, do ponto de vista da geração de emprego.

José Paulo de Andrade – Rádios Bandeirantes AM e Bandnews FM: Mas menos do que o senhor esperava.

Presidente: Menos, porque ainda não terminou o mandato, primeiro. Segundo, porque o desejo de gerar uma quantidade de emprego, nem sempre você pode cumpri-lo, ou pode até ser mais. Eu acho que nós criamos as condições, neste momento, para a economia voltar a crescer durante muito anos seguidos e não ser aquele “cresce um ano, decresce no ano seguinte”, e fica como ficou ao longo dos últimos 23 anos.

Nós estamos conscientes de que o Brasil precisa, definitivamente, ter um ciclo virtuoso de crescimento. Esse círculo virtuoso de crescimento vai gerar os empregos, vai distribuir a renda necessária e vai melhorar as condições de vida da população brasileira.

Eu acho que nós vamos gerar muito mais empregos no ano que vem. É preciso que a gente faça uma... compatibilizar a geração de empregos na cidade com a geração de empregos no campo, porque o que nós fizemos na agricultura familiar no Brasil foi uma pequena revolução, muitos países que fizeram revolução não fizeram o que nós fizemos em apenas 35 meses.

Nós saímos de uma liberação de verba de 2 bilhões e 400 milhões na safra que terminou em junho de 2003, para 6 bilhões e 400 milhões na safra que terminou em junho deste ano e colocamos 9 bilhões à disposição para a



safrá que termina no ano que vem. Tudo isso, José Paulo, vai resultar no quê? No crescimento da economia e na geração de empregos para as pessoas.

Luiz Fara Monteiro: Falamos ao vivo, direto do Palácio do Planalto. São 8h13, agora a pergunta é de José Maria Trindade, da Rede Jovem Pan.

José Maria Trindade – Rede Jovem Pan: Pois não. Presidente, seja bem vindo à Rede Jovem Pan Sat, nós estamos transmitindo ao vivo para 130 emissoras em todo o país e também pela atenção que o senhor tem dado ao veículo rádio que, inegavelmente, é atualmente um dos mais presentes e instantâneos.

Presidente, continuando na economia, o senhor deu uma declaração ontem sobre a possibilidade de acertos na economia e há uma pressão constante. A gente vê no Congresso Nacional, até os aliados, o chamado fogo amigo aumenta e agora também integrantes do governo, como dirigentes de estatais, pedindo mudanças na economia. O senhor já tem dito que mantém o ministro. Mas que ajustes, Presidente, o que o senhor pretende para a economia a partir de agora ou para o ano que vem?

Presidente: Primeiro, não existe a palavra fogo amigo, Trindade. Eu quero cumprimentar os ouvintes da Rádio Jovem Pan e dizer para você que o dia que você tomar uma queimada você vai perceber que não tem fogo amigo, mesmo que seja a tua esposa que te queime, você vai sentir a dor.

Eu acho que há uma ansiedade das pessoas. Às vezes, eu fico pensando como as pessoas são ansiosas para querer que as coisas, que têm que ter um tempo de maturação para acontecer, aconteçam muito rapidamente. Veja, nós estamos vivendo um momento na história da economia brasileira, vocês que são jornalistas podem estudar, analisar, pesquisar e vocês vão perceber que nós estamos vivendo um círculo muito virtuoso na



economia brasileira, muito virtuoso. Por que estamos vivendo um círculo virtuoso? Embora não estejamos crescendo aos níveis que todos nós gostaríamos que crescesse, a verdade é que nós estamos, pela primeira vez, compatibilizando crescimento de exportação com crescimento de importação e crescimento do mercado interno. Isso nunca aconteceu no Brasil, nunca aconteceu, Trindade.

Sempre que o Brasil fez uma opção para exportar, ele asfixiou o mercado interno; sempre que o Brasil fez uma opção para exportar, nós matamos a economia interna. Nós estamos provando que é possível fazer as duas coisas. Segundo, nós estamos provando que é possível crescer com uma inflação baixa. O Brasil tinha uma cultura que, toda vez que ele decidia crescer, a inflação ultrapassava dois dígitos. Nós queremos provar que o Brasil pode crescer com inflação baixa porque isso significa ganhos salariais para as camadas que vivem de salário, sobretudo para os mais pobres deste país.

Depois disso, veja, nós estamos diminuindo a dívida pública, nós estamos diminuindo o nosso déficit, nós estamos aumentando o nosso superávit de conta corrente, estamos com superávit na balança comercial como jamais imaginamos na história do Brasil e com muitas perspectivas de a economia brasileira continuar crescendo.

Olha, muitas vezes as pessoas reivindicavam de nós, durante a campanha, eu me lembro como se fosse hoje, todo mundo tinha medo do juro, da taxa de câmbio fixa, ou seja o pessoal queria taxa de câmbio flutuante.

José Maria Trindade – Rede Jovem Pan: Achavam que o senhor colocaria a taxa fixa, não é?

Presidente: Veja, o problema da taxa de câmbio flutuante é que ela flutua, flutua para mais ou para menos e ela está... sabe, ela vai encontrar um ponto de ajuste em algum momento, ela vai encontrar. Nós somos vítimas do próprio



crescimento das exportações, nós temos excesso de dólares entrando no Brasil. Quando que, alguns anos atrás, você via os ministros da Fazenda, o Banco Central viajando para o mundo inteiro atrás de um dinheirinho para poder, no final do ano, resolver o problema das nossas contas? Nós não temos mais este problema. E olha que o Banco Central está comprando muitos dólares, se você analisar, diariamente nós compramos dólares e o dólar continua caindo. Por quê? Porque está entrando muito dólar por causa das exportações que estão crescendo.

Então, nós temos que esperar e torcer para que haja um ajuste no câmbio feito pelo próprio mercado, pela situação da nossa relação comercial. Nós defendemos a idéia que o Brasil precisa ter uma importação maior, sobretudo de máquinas, de bens de capital.

E a outra coisa que as pessoas, muitas vezes, se queixam e, às vezes, reclamam e às vezes eu penso que têm razão, às vezes eu penso que não têm razão, as pessoas falam dos juros altos. Veja, a média de juros nesses 36 meses de governo é praticamente a metade da média de juros dos últimos 15 anos, no Brasil. É uma média de juros razoavelmente pequena, com picos de juros altos, como foi agora, que nós estamos com 18%, estávamos com 19,75%, estamos com 19%, e vamos caindo. Mas vamos caindo de acordo com a necessidade de manter a inflação equilibrada, porque se a gente permitir que a inflação descambe, todo mundo sabe que é difícil controlar. É mais fácil as pessoas dizerem: “bom, é que nem time de futebol, Trindade, não está bem, não está bem, então troca o técnico.” Aí, fica trocando o técnico. Não, eu acho que nós temos que acertar com as pessoas que têm competência para acertar e eu acho que as coisas estão indo para o ponto que nós achamos que devem ir. Qual é o ponto? É garantir que o Brasil tenha, durante alguns anos, um ciclo virtuoso de crescimento para que a gente possa devolver à sociedade brasileira o estado de bem-estar social que ela perdeu nesses últimos 25 anos.



José Maria Trindade – Rede Jovem Pam: Mas onde estaria o ajuste, Presidente?

Presidente: Eu acho que o ajuste, ele vai se dando... eu vi agora, quando caiu o PIB, no terceiro trimestre, todo mundo ficou nervoso. Eu, pelo menos, fiquei chateado e disse isso para a imprensa, que eu fiquei chateado. Entretanto, no quarto trimestre nós já temos um processo de recuperação da economia e vocês acompanharam pelos números da Anfavea, ontem. São números totalmente positivos, é recorde atrás de recorde na produção, na exportação, na venda, inclusive, para o mercado interno.

Nós precisamos é tratar essa coisa com mais cuidado, com mais jeito, para não ficarmos tomando atitudes precipitadas, em função de uma notícia, em função de um número, ou seja, tem que ter um certo equilíbrio. Este é o papel do presidente da República, é manter-se equilibrado para que as coisas sejam feitas devagar e sempre. E não fazer como muitas vezes, rápido, e que o benefício termine no mês seguinte ou termine no ano seguinte.

Nós estamos conscientes de que o que estamos fazendo tem dado resultado extraordinário. Vocês acompanharam, tanto quanto eu ou melhor do que eu, os dados da PNAD no final da semana passada. Os dados da PNAD são, definitivamente, o maior alento que um presidente da República pode ter na sua passagem por um governo. O melhor, não tem nada melhor.

Vou dar um dado para você, aqui, Trindade, o número de pobres e extremamente pobres caiu no último ano em mais de três milhões, depois de um aumento quase contínuo no período pós-Real. A desigualdade de renda vem caindo ao longo dos últimos três anos e hoje atinge o nível histórico mais baixo. Apesar da renda, isso são dados da PNAD, apesar da renda per capita atual não ser das mais altas, a dos mais pobres nunca foi tão elevada, exceto durante o pico do plano Cruzado. A pobreza e a extrema pobreza apresentam hoje os níveis mais baixos da história, exceto durante o pico do plano Cruzado,



numa demonstração de que é plenamente possível você combinar uma política econômica séria, em que tem que ter um ajuste fiscal sério porque nós devemos 1 trilhão de reais e, portanto, nós temos que ter responsabilidade, temos que fazer um superávit para dizer aos credores que nós vamos pagar nossa conta, porque é isso que dá credibilidade ao nosso comportamento e, ao mesmo tempo, fazer uma forte política social. Essa combinação é que vai permitir que o Brasil possa acreditar e voltar a ter esperança, de que o Brasil entrou numa fase em que não tem pirotecnia, em que não vai ter uma mágica em que alguém vai aparecer na televisão e dizer: “está resolvido o problema da humanidade, a partir de agora”, como nós já vimos muitas vezes no Brasil. E vamos fazer as coisas com a tranqüilidade que uma pessoa responsável faz.

Eu digo todo dia a mim mesmo, Trindade: meu mandato termina no dia 31 de dezembro do próximo ano. Quando chegar o dia 31 de dezembro, um pouco antes, obviamente, eu pretendo fazer a vocês e ao povo brasileiro uma avaliação do que foram os quatro anos do meu mandato aqui, para a gente medir o que era o Brasil, o que vai ser o Brasil, o que aconteceu em nível de emprego ou de qualquer área, até porque essas coisas, quanto mais a gente mostrar, mais chance nós temos de fazer com que as pessoas compreendam o que falta ser feito, para poder reconhecer o que já foi feito.

Luiz Fara Monteiro: Esta é a coletiva do presidente Lula às redes nacionais de rádio. Vamos falar agora com Heródoto Barbeiro, da Rede CBN. Bom dia Heródoto.

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: Bom dia, presidente Lula. Presidente, eu gostaria também que o senhor esclarecesse um ponto para a gente. O senhor é o chefe de Estado e chefe de governo, mas a impressão que a gente tem é que o seu governo está dividido em duas grandes facções, aqueles que querem mudança na política econômica e aqueles que não querem.



Entre aqueles que querem mudança na política econômica, eu consegui listar aqui o vice-presidente José Alencar, o Presidente da Petrobras, o Presidente do BNDES, a ministra Dilma e, do outro lado, os que não querem, estão ao lado do ministro Palocci e do presidente do Banco Central Henrique Meirelles.

Como o senhor é o Presidente, chefe de Estado e chefe de governo, eu gostaria que o senhor dissesse para a gente o seguinte: afinal de contas, qual é a orientação do seu governo? Em outras palavras, de que ala o senhor está? Dos que querem mudança ou dos que não querem mudança? Como conciliar, dentro de um governo, duas alas tão fortes e com tantas manifestações como a gente vem registrando aí, nos últimos dias, na imprensa e na população brasileira.

Presidente: Primeiro, o presidente não tem ala, viu, Heródoto.

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: Sim, mas dependendo do que o senhor disser...

Presidente: Deixa eu te cumprimentar e, como corintianos, nós estamos um pouco mais felizes do que quem não é corintiano aqui nesta mesa, o José Paulo, por exemplo não é, o Trindade não deve ser. Então, viu Heródoto, quero cumprimentar você, cumprimentar os ouvintes da CBN e dizer para você que o Presidente da República não tem ala, e não é novidade no Brasil, você ter pessoas pensando “A” e pessoas pensando “B”.

Você está lembrado que no governo passado uma das figuras importantes do partido que governava o país, vivia fustigando o ministro da Fazenda, dizendo que era preciso fazer isso. Você pega a história, você pega a história quando o Roberto Simonsen foi, quando o Delfim foi, porque quem está fora, quem não está com a responsabilidade de colocar o guizo no pescoço do



gato, tem mais facilidade para dizer as coisas, quando as pessoas falam em mudança na política econômica, o que as pessoas querem dizer na verdade? Baixar a taxa de juros, alguns; é a única mudança que eles querem, outra que eles querem superávit. É isso que eles querem e essas coisas não são feitas com um toque de mágica.

Por que nós tivemos que fazer um superávit de 4,25? Nós tivemos que fazer um superávit de 4,25 para a gente dizer aos milhões e milhões e milhões de credores da dívida pública brasileira, que é você José Paulo, que é você Heródoto, que é você Trindade, que é o Luiz, que está aqui junto com vocês coordenando, porque é o André Singer, ou seja, cada brasileiro que tem uma conta num banco termina sendo um pouco dono dos títulos do Brasil, portanto, quando nós aumentamos o superávit é para dizer para essa gente: olhe, nós não vamos dar calote em vocês e o superávit não paga tudo, o superávit paga uma parte e a outra parte a gente vai rolando, isso é como vocês, quando entram numa loja e vão comprar um produto qualquer, o dono da loja pergunta: “quanto é que vocês podem pagar por mês?” Vocês vão ter que dizer: “eu posso pagar tanto por mês”, não é isso? Aí o cidadão faz um carnezinho de 12 meses para vocês e vocês vão ter que pagar.

Bem, o governo então faz o superávit por isso e pouca gente que critica a política econômica, dos mais sábios, é contra o superávit, aliás, tem gente que defende um superávit maior.

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: É o caso do ministro Palocci?

Presidente: A questão do juro, não é o Palocci, tem gente que faz oposição à política econômica e pede um superávit maior, porque tem muita gente que acha que o superávit maior é o que vai possibilitar a redução da taxa de juros.

Eu tenho conversado muito com o Meirelles e muito com o Palocci e tenho dito o seguinte: houve um momento na história do Brasil, Heródoto, que



se depositou no Banco Central a única responsabilidade pelo controle da taxa de inflação, não vem apenas do nosso governo não, já vem de outros momentos em que você determinou a meta inflacionária e você co-responsabiliza o Banco Central a perseguir aquela meta inflacionária. O único instrumento que o Banco Central tem para poder controlar, para poder manter aquela meta é controlar a demanda.

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: Mas, Presidente, o senhor quer dizer que o governo está dividido em duas partes?

Presidente: Não.

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: Não está não? Não há um grupo no governo que quer mudança....

Presidente: Não está dividido porque eu não tenho duas políticas econômicas, não está dividido porque não tem dois comandos, não está dividido porque nós aceitamos a democracia como um fator importante para o debate. Quem faz a política de administração da Presidência da República é a Casa Civil, quem faz a política econômica é o governo, quem faz a política de Minas e Energia é o governo, cada um tem a sua responsabilidade específica, mas a política econômica está colocada, até agora tem dado resultados mais favoráveis, é só pegar os dados de ontem porque as pessoas... você, Heródoto, sabe como ninguém, que tem pessoas que ficam torcendo para que as coisas sejam negativas, para falar: “eu tinha razão”. Mas pega um dado da economia ontem...

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: Você não acha que dificulta um pouco a opinião pública entender? O senhor está explicando agora dizendo que só tem



uma...quando a gente vê uma série de demonstrações dentro do próprio governo, fazendo críticas contra a política...

Presidente: Não, não. Eu acho que mesmo dentro do governo... e qual foi a minha posição? A minha posição dentro do governo é que todos os companheiros do governo, todos os ministros, todos os assessores têm o direito de dizer o que bem entenderem, internamente.

Quando eu estava no Sindicato de São Bernardo, eu muitas vezes trancava a sala e falava: “vocês querem brigar, briguem aqui dentro, na hora em que abrir a porta, tem que ter um único pensamento, uma única voz porque não pode...”

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: Mas não é isso que está acontecendo. A briga está sendo feita na imprensa, nós estamos divulgando as opiniões contrárias de pessoas do seu governo contra a política econômica.

Presidente: Eu sei, Heródoto, eu sei que vocês estão divulgando coisas que nós mesmos falamos e falamos equivocadamente. Eu chamei a atenção do ministro Paulo Bernardo quando ele falou de uma política de ajuste fiscal de longo prazo antes de se transformar em política de governo, ou seja, eu não posso pensar uma coisa e sair falando, eu até posso, mas nenhum ministro pode pensar uma coisa e sair falando, antes daquilo se transformar em política de governo. Ele pode ter a tese... (Inaudível) por isso é que eu faço sempre a comparação com o esporte, porque toda vez que alguém ganha as eleições, quem perdeu fica torcendo para que não dê certo, para poder justificar a sua própria... isso é como um jogador que está na reserva, ele está vendo o outro jogar lá, mas ele fica pensando: “puxa vida, se eu pudesse entrar agora, eu ia marcar o gol que ele não está marcando”.

Então, as pessoas ficam torcendo, quando na verdade... isso a gente



aprende quando chega à Presidência da República, porque isso aqui é uma tonelada e meia de responsabilidade, a cada segundo. Quando a gente chega, nesse momento a gente percebe que precisa pensar mais naquilo que fala, medir mais as nossas palavras, a gente precisa fazer as coisas com a precisão de um relógio de muita qualidade, a gente precisa saber o tamanho do passo que a gente vai dar, senão... você não pensa que o Palocci quer juros mais baixos? É lógico que quer. Você não pensa que o Meirelles quer juros mais baixos? É lógico que quer. Você pensa que eu não quero? Eu quero.

Agora veja, pode-se fazer uma loucura, um rompante e falar: “Não. Vamos baixar os juros tanto”. Aí no mês seguinte aumenta a inflação e nós vamos dizer: “bom, por que aumentou a inflação?” Então, eu, em economia, prefiro ter o cuidado de um chefe de família de não permitir que haja nenhum processo que possa perturbar as coisas que estão acontecendo no Brasil. Os Juros vão cair e na medida em que o juro cair, a gente vai poder crescer mais; na medida em que a gente crescer mais, aumentar o PIB, a gente até pode ter um superávit menor, mas essas coisas não serão decididas em função de um ano eleitoral, em função da angústia que alguns têm porque o ano que vem tem eleições.

Eu quero dizer aqui para vocês, a eleição não me fará tomar nenhuma medida que possa passar para os olhos dos milhões e milhões de brasileiros que estão nos ouvindo e os que não estão nos ouvindo, de que nós vamos fazer uma aventura por conta da eleição. Eu digo sempre o seguinte, Heródoto, o Brasil não vai jogar fora essa chance. Nós conseguimos encontrar um ponto de equilíbrio. Precisa fazer muita coisa? Precisa fazer muita coisa no Brasil. Nós não vamos consertar em quatro anos os desmazelos de 500 anos, de 300 anos ou de 200 anos. O que me dá satisfação é saber que agora as pessoas estão vivendo um pouco melhor.

Depois eu vou entregar para vocês, mandar minha assessoria entregar... sobre a questão do salário mínimo, o poder aquisitivo das pessoas para



comprar carne, para comprar leite, para comprar feijão, para comprar arroz, para comprar pão, sabe a quantidade de horas necessárias... Aí vocês vão perceber que houve uma melhora significativa no poder aquisitivo das pessoas mais pobres deste país. E é para isso que nós ganhamos as eleições, para a gente pudesse fazer com que as pessoas mais pobres pudessem chegar a um padrão de vida minimamente respeitoso. Estamos longe de chegar. Mas já avançamos bastante e vamos avançar muito mais.

Luiz Fara Monteiro: São 8h34. Daqui a pouquinho a gente volta com o segundo bloco desta coletiva aqui, direto do Palácio do Planalto.

São 8h38, voltamos ao vivo do Palácio do Planalto. Quem faz a pergunta agora é José Paulo de Andrade, da Rádio Bandeirantes AM, e Bandnews FM. José Paulo.

José Paulo de Andrade – Rádio Bandeirantes AM e Bandnews FM: Presidente, me desculpe, mas vamos apimentar nossa conversa. Da maneira como têm sido feitas algumas colocações em relação às denúncias de caixa dois e, hoje até, com alguns querendo justificar o caixa dois como uma coisa normal na vida política do Brasil, pode até ser normal, mas não é legal, nem moral. Eu perguntaria ao senhor, diante da negativa de que as pessoas diretamente envolvidas soubessem, em algum momento, do que se passava nos bastidores. A minha pergunta é essa: seria o governo constituído de “vestais”? Afinal de contas, a maioria dos ocupantes de cargos públicos vêm de longa experiência sindical ou estudantil, onde há métodos peculiares para se manter nos grupos, no poder, durante muito tempo. Quem é que montou todo esse esquema de caixa 2? Quem é que tinha pleno conhecimento e não contou nada? Seria um dos traidores, a que o senhor se referiu? Por exemplo, José Dirceu, o senhor levaria José Dirceu para o palanque, na sua campanha da re-eleição, se o senhor for candidato?



Presidente: Primeiro, José Paulo, eu vou falar do José Dirceu, porque o José Dirceu acaba de ser cassado. E nós estamos aqui em três jornalistas importantes e vocês podem, no decorrer do programa, dizer qual a acusação de que o José Dirceu... qual a acusação que foi provada contra o José Dirceu, que justificou a cassação dele.

José Paulo de Andrade – Rádio Bandeirantes AM e Bandnews FM: O Dirceu aumentou...

Presidente: Veja, que não foi provado. Primeiro, que não foi provado.

José Paulo de Andrade – Rádio Bandeirantes AM e Bandnews FM: Mas se não foi ele, quem foi, Presidente?

Presidente: Primeiro, não foi provado que tinha mensalão. Eu acho que, de vez em quando, o estresse não pode tomar conta da divulgações de coisas que qualquer um fala, a qualquer momento, e não pode merecer o destaque. Quando se levantou a questão do mensalão eu, intimamente, dizia: eu quero saber como é que vão provar mensalão neste país, porque a história de que tem deputado que faz votação por coisas, isso é desde que foi proclamada a República do Brasil. Entretanto, ninguém nunca provou. O que eu estou dizendo é que o José Dirceu sofreu uma acusação, o acusador foi cassado porque não provou as acusações e o José Dirceu foi cassado porque jogou-se em cima do José Dirceu a responsabilidade. E eu disse no programa Roda Viva, acho que foi numa pergunta do Heródoto, que o Congresso está obrigado a cassar o José Dirceu porque não tem como não cassar depois de tudo que foi feito com o José Dirceu.



José Paulo de Andrade – Rádio Bandeirantes AM e Bandnews FM: Mas quem é que movimentou esse valor “valerioduto”, então, se não foi o José Dirceu? O senhor disse que não. Agora, quem sabia?

Presidente: Como é que eu posso lhe dizer? Eu não sei quem sabia. O Delúbio assumiu a responsabilidade pela parte do PT, pela parte que ele fez, assumiu a responsabilidade na CPI. O dado concreto e objetivo disso tudo é que nós temos a Polícia Federal apurando, nós temos uma CPI, nós temos um Ministério Público que, depois, vai resolver tudo isso e vai encaminhar ao Poder Judiciário para que chegue ao processo.

Eu, particularmente, estou convencido de que a prática política neste país, de caixa dois ou de mais eleitores que gente da população, nas cidades, só vai mudar quando a gente tiver mudanças na legislação eleitoral, quando tiver partidos mais fortes, quando tiver fidelidade partidária. Aí, nós vamos poder mudar as coisas no Brasil. Enquanto não se fizer a reforma partidária, nós vamos ter problemas e problema eleitorais no país.

José Paulo de Andrade – Rádio Bandeirantes AM e Bandnews FM: O Delúbio foi o traidor?

Presidente: Eu não citei nome de traidor, eu disse que tinha havido traição a mim, me sentia traído, porque o PT nasceu para combater essa prática política, o PT não precisava dessa prática política até porque não é o dinheiro que faz uma pessoa ganhar as eleições.

Eu fui candidato em 1989, eu não tinha dinheiro para pôr gasolina no carro para ir para o interior de São Paulo, eu não tinha dinheiro para viajar no avião. Só para você ter idéia, os dois aviões em que eu fiz a campanha de 1989, um caiu em Juiz de Fora, depois da campanha, depois, sabe, com dinheiro do Banco do Brasil; e o outro caiu na Bolívia, porque eram aviões que



estavam já no fim da vida. E eu tive 47% dos votos neste país. Então, eu disse que me senti traído, porque eu acho que companheiros colocaram, na política do PT, práticas que não eram condizentes com a história do PT.

Aí, as perguntas: “mas quem sabia ou quem não sabia?” Veja, primeiro, só tem três possibilidades de você saber de uma coisa, José Paulo, na redação da Bandeirantes onde você trabalha: se você participar da reunião, se alguém que participou te contar, ou se der alguma coisa errada e sair uma denúncia e você vai ficar sabendo. Senão, você não fica sabendo.

José Paulo de Andrade – Rádio Bandeirantes AM e Bandnews FM: Ou, se não, começar a faltar dinheiro.

Presidente: O PT não tinha, a direção do PT não tinha por que me comunicar o que estava fazendo nas eleições.

José Paulo de Andrade – Rádio Bandeirantes AM e Bandnews FM: José Dirceu sabia ou não sabia? O senhor leva o José Dirceu para o palanque?

Presidente: Eu levaria o José Dirceu para o palanque, até porque ele foi cassado e não foi provado nada contra ele. Ele é um cidadão que perdeu o mandato de parlamentar dele, mas até agora eu não vi nenhuma acusação que possa dizer: “o José Dirceu cometeu um delito.” Vamos esperar, então, que se prove se houve delito.

José Paulo de Andrade – Rádio Bandeirantes AM e Bandnews FM: Nem por omissão, Presidente?

Presidente: Veja, nem por omissão. É muito simples, é muito simplista você jogar a responsabilidade nas costas do João Saad, porque aconteceu uma



coisa com um jornalista na redação da Bandeirantes. Ora, às vezes ele está a quilômetros ou anos-luz de distância daquele problema. Obviamente que ele, como presidente, tem que assumir a responsabilidade.

E eu tenho a responsabilidade por tudo que aconteceu de bom ou de ruim, ou que vai acontecer de bom ou de ruim. Mas a simplicidade de tentar carregar nas costas das pessoas.... “Ah, mas aconteceu na tua casa, você não sabia?” Não sabia. Quantas mães de família, quantos pais de família têm um filho dentro de casa que está praticando algum delito, que está usando droga e não sabem? Só ficam sabendo quando a polícia prende, só ficam sabendo quando acontece uma desgraça, que aparece no jornal? Ora, se a gente não sabe as coisas que acontecem dentro de casa, porque num Estado, o ministro tem que saber de tudo o que acontece no território nacional?

Eu acho que o que não pode é abrir mão da responsabilidade. A responsabilidade é minha, é de qualquer ministro, mas eu não posso dizer: “ele tem que ser condenado porque ele sabia.” Não posso. Em nome daquilo que eu acredito, de que todos serão inocentes até prova em contrário, e eu defendo que haja a apuração, defendo que haja investigação, defendo que haja tudo para que a gente apure.

Agora, eu sou contra a pena de morte, na política e na vida normal. Eu já vi, neste país, destruírem coisas e depois não reconstruírem. Quando você mancha o nome de uma pessoa, depois você não reconstrói mais. Nós temos exemplos, em São Paulo tem o exemplo mais forte de todos, que foi a Escola Base, que eu cito sempre.

Portanto, na hora em que a gente tiver que acusar alguém, vamos contar até dez, porque a acusação leviana, fácil, é simples de fazer. A apuração, a prova, é uma coisa muito difícil. Então, qual é o papel do governo, qual é o papel do presidente da República? Se ele souber que tem algum funcionário, alguém que cometeu um delito, é exonerar. O presidente da República não pode mandar prender, ele exonera. Depois aquilo vai para um processo, que



vai para a Justiça, que vai... aí, quando a pessoa for condenada, vai ser presa. E, aí, não depende do presidente da República, não depende do ministro, depende da Justiça.

Então, nessas coisas, eu acho que nós precisamos apenas ser sérios, responsáveis, mas trabalhar com muito cuidado para não cometermos injustiças com quem quer que seja, de direita ou de esquerda, do PT ou de outro partido político, ou até gente da sociedade civil.

Se depender de mim, José Paulo, jamais cometerei o desatino de condenar alguém antes de essa pessoa ser investigada corretamente, apurado e aí sim, você pode puni-la exemplarmente para o mundo inteiro saber o que você fez. Fora disso, temos que aguardar a tramitação das instituições brasileiras. O Congresso está lá, fazendo o seu trabalho, depois o Ministério Público vai fazer o seu trabalho, depois a Justiça vai fazer o seu trabalho. E aí nós apuramos. Porque o Brasil, você sabe, José Paulo, se você pegar os dados das investigações que eu fiz nesses 36 meses, a quantidade de gente que nós afastamos, até policiais federais, afastamos muitos policiais federais, para fazer uma limpeza. Isso aqui é uma coisa que tem vícios históricos e que você precisa ir, com muito cuidado, fazendo o processo de apuração sem permitir, como alguns já fizeram na história do Brasil, que a precipitação condene um inocente e, ao mesmo tempo, absolva um culpado.

Luiz Fara Monteiro: Vamos ouvir agora a pergunta de José Maria Trindade, da Rede Jovem Pan. São 8h47.

José Maria Trindade – Rede Jovem Pan: Olha Presidente, por dever de ofício eu acompanho os depoimentos dos petistas, a linha de defesa que eles adotam no Conselho de Ética na Câmara. É exatamente aquela linha de defesa da sua primeira entrevista, quando o senhor deu a entrevista na França, que é a história do caixa 2 e também Presidente, todas as defesas recaem sobre um



dinheiro que ninguém sabe realmente a origem. O senhor está dizendo aí que não sabia e que não há crime denunciado até agora. Seriam as oposições que inventaram essa história, seria uma espécie de golpe, no sentido de jogar essas denúncias na imprensa e através das CPIs? E outra coisa, o quadro político não mudou, o senhor e o José Serra são os que estão aparecendo. O terceiro turno Presidente, como é que vai ser? Vai ser o sim e o não esse terceiro turno?

Presidente: Trindade, primeiro não sou eu. Eu não disse para ninguém que sou candidato. Segundo eu não sei se será o Serra porque o PSDB vai enveredar por um processo de discussão.

José Maria Trindade – Rede Jovem Pan: Mas é que não apareceu ninguém...

Presidente: Eu quero te dizer o seguinte. Primeiro, houve um crime eleitoral de caixa 2, já provado na CPI, ninguém nega isso e há, inclusive, quem assumiu a responsabilidade por esse crime eleitoral. Veja, o que me deixa indignado, talvez tanto quanto você ou quanto o Heródoto ou o José Paulo, é o seguinte: é um fato *sui generis* na história da humanidade alguém praticar corrupção com dinheiro emprestado, pagando juros. Porque o PT está numa encalacrada, porque o PT está devendo muito nos bancos, eu não sei como é que o PT vai resolver este problema. Está na mão, agora, da nova direção do Partido.

Eu sei que eu pago 10% do que eu ganho todo mês para ajudar o meu partido a sobreviver e sempre foi assim, o meu é descontado em folha aqui, como o de todos os ministros, todos os funcionários do PT têm que pagar.

Pois bem, eu apenas constatei uma obviedade. Uns jornalistas como vocês, importantes, de São Paulo, se forem à campanha de 1986 em São Paulo e pegarem o que o Quércia dizia do Maluf, o que o Maluf dizia do Antônio Ermírio, o que Antônio Ermírio dizia do Quércia, vocês vão perceber



que aquela eleição, se nós estivéssemos num país em que a Justiça fosse mais forte naquele instante histórico do Brasil, não teria havido eleição, teria evitado, porque era tanta denúncia, um contra o outro, que era impossível ter eleição.

Entretanto aquilo não é apurado, vai, termina as eleições, quem ganhou toma posse e fica por isso mesmo. Toda campanha no Brasil, em São Paulo ou em qualquer cidade de 2 mil habitantes, quando vocês chegarem na cidade vocês vão ver denúncias e mais denúncias, ou seja, algumas são investigadas, a maioria não é investigada, às vezes elas são investigadas e depois que termina o mandato, termina a eleição, é que vem o resultado final, então veja, o que eu disse na França foi isso. Há uma história neste país e o PT não poderia ter entrado nela porque o PT nasceu para combater isso e quem fez isso praticou um erro abominável contra a história do PT que, agora, vai amargar muitos anos para recuperar a sua história política, a sua credibilidade, e eu estarei do lado do PT tentando contribuir para que isso aconteça, estarei do lado do PT.

Não pense que eu fiquei inibido de ser petista não, pelo contrário, agora estou mais orgulhoso porque agora eu acho que é o seguinte: nós também não somos infalíveis, cometemos erros e quando cometemos erros nós temos que pagar e pagar forte, porque a sociedade brasileira precisa nos cobrar sistematicamente, de forma implacável, para que a gente seja uma referência ética neste país e eu quero estar junto de todos aqueles que estiverem dispostos a fazer isso.

A segunda coisa, Trindade, é o seguinte: obviamente que o PT foi oposição muitos anos e o PT fez parte do que a minha oposição está fazendo comigo. Eu não me queixo, eu não fico chorando porque ela está fazendo isso, é o papel dela.

Qual é o papel da oposição já definido? É importante que os ouvintes prestem atenção. Qual é o papel definido pelas frases dos principais líderes da



oposição? “Nós precisamos fazer o governo sangrar até a época da eleição, nós precisamos pegar a questão ética e ir a fundo, não importa se prove ou não prove, vamos a fundo”. Por quê? Porque começaram 2003 dizendo que nós íamos ser um fracasso, depois chegaram em 2004 e perceberam que a economia começou a crescer, começaram a dizer que nós não tínhamos política social, que era um fracasso. O resultado da política social está na PNAD, é a mais forte política social já feita na história do Brasil, muito aquém daquilo que nós precisamos, mas é mais do que tudo que já foi feito.

Mas eu tenho apenas 35 meses de governo, ou seja, as pessoas querem que eu assuma a responsabilidade de consertar, em 35 meses, o que elas não fizeram em 35 anos. O que eu estou provando é que é possível olhar este país com mais carinho e, ao invés de governar o Brasil, cuidar do Brasil, cuidar da parte da sociedade mais necessitada, cuidar da parte mais pobre. Bem, eu acho que a oposição percebeu isso, eles devem fazer pesquisa todos os dias, a toda hora, devem saber o seguinte: “nós precisamos atacar aqui, atacar ali”. Atacaram o Bolsa Família como nunca, vocês são prova de que atacaram o Bolsa Família, de que é “proselitismo, é uma coisa assistencialista”. Ora, é assistencialista para quem se levanta de manhã e tem café na mesa para tomar, almoça todo dia, janta e ainda deixa comida sobrando no prato, mas para milhões de pessoas que não têm um prato de comida, para milhões de mães que se levantam de manhã com o filho agarrado no rabo da saia dela pedindo leite, pedindo um pão e não tem, o Bolsa Família é, na verdade, eu diria, quase um milagre para essa gente.

Obviamente que nós não queremos o Bolsa Família eterno, nós queremos é que a economia cresça, que gere empregos e que o Estado não precise dar dinheiro para as pessoas. É isso que nós sonhamos e é para isso que nós estamos trabalhando. Aí você pergunta... a oposição sabe disso e é por isso que a oposição trabalha... nós remamos para a frente, eles remam para trás. Isso é um jogo, o PT fez isso e o PT não tem que se queixar. Se



você encontrar um petista lamentando: “a oposição está batendo”, não leve muito em conta não porque eles têm que aprender a apanhar, bateram a vida inteira, nós temos que apanhar, não temos que nos queixar, da minha parte não tem queixa.

A questão da disputa eleitoral é isso, meu caro, eu não sei se o Serra será o candidato de lá, eu não sei se eu serei o candidato de cá porque tem outros candidatos, eu estou vendo gente aí, de candidato, para tudo quanto é lado, já tem mais candidato do que eleitor. Eu estou com a consciência bem tranqüila com relação a isso, Trindade, eu não tenho pressa para definir. Todo mundo sabe e eu já disse, eu sou contra a tese da reeleição, sou contra, votei contra ela na Constituição de 1988, acho que foi um desatino ter diminuído o mandato de cinco para quatro anos, com medo de eu ganhar as eleições em 1994. É importante reviver a história, o mandato era de cinco anos, em 1994, eu tinha 40% nas pesquisas em março, aí resolveram mudar, diminuíram o mandato com medo que eu ganhasse as eleições. Eu não ganhei as eleições e aí, em 1996, aprovaram o instituto da reeleição e eu quero dizer para vocês, quero dizer aos ouvintes da Jovem Pan, da CBN e da Bandeirantes, o instituto da reeleição não é um bom instituto, não é uma boa política, o Brasil poderia ter um mandato de cinco anos sem reeleição porque aí, quem está presidindo, não ficaria preocupado em fazer negociações para poder se reeleger.

Nessas negociações, quando você está no cargo de Presidente, as pessoas exigem muito mais, então, estou muito tranqüilo, muito tranqüilo. O meu desejo principal, neste momento, é trabalhar para que o ano de 2006 seja muito melhor, que a gente gere mais empregos, gere mais distribuição de renda e que o Brasil tenha no crescimento a possibilidade de alcançar uma posição de destaque no mundo. Esse é o meu desejo.

Luiz Fara Monteiro: Falamos ao vivo do Palácio do Planalto. São 8h56. Heródoto Barbeiro, da Rede CBN.



Heródoto Barbeiro – Rede CBN: Presidente Lula. Presidente, o senhor disse agora há pouco, comemorou de certa forma os dados favoráveis da balança comercial brasileira, nós estamos com um superávit na balança comercial, contas correntes e etc... O senhor atribuiu isso às nossas exportações. No entanto, Presidente, como o senhor sabe, o dólar está muito desvalorizado em relação ao real. Ontem, por exemplo, nós demos uma notícia que uma fábrica de calçados fechou no Rio Grande do Sul, mandou 200 trabalhadores embora. Eu estou vendo que a Federação das Indústrias está gritando contra a taxa de juros, estou vendo que os exportadores de carne estão gritando contra a taxa de juros, estou vendo, também, que as pessoas que colocam seus produtos no mercado mundial, que são pessoas que produzem os produtos agrícolas e primários, etc, estão gritando contra a taxa de juros.

Presidente, o que eu gostaria de saber do senhor é o seguinte: não é aquilo que se chama de uma taxa de juros pornográfica, que está atraindo esses grandes investimentos internacionais para o Brasil, que está fazendo com que o dólar fique tão baixo e prejudique as exportações brasileiras? A impressão que dá, Presidente, é que o Banco Central é autônomo, é isso ou não?

Presidente: Deixa eu dizer uma coisa para você: eu acho que o Banco Central é autônomo. Acho não, eu tenho certeza porque, embora tenha gente que queira que a gente mande uma lei para ser aprovada no Congresso Nacional, eu prefiro a autonomia do jeito que está.

Agora, é verdade a gritaria. É verdade. Veja, as entidades empresariais agem igual as entidades de trabalhadores, têm que reivindicar porque querem que os empresários possam crescer mais, possam vender mais, então eu acho normal. Agora, veja um dado muito importante: nós estamos crescendo em vários setores da sociedade, fortemente. Nós recuperamos a indústria naval



brasileira, que estava falida e que hoje já está com 30 mil trabalhadores e nós vamos recuperá-la mais fortemente para produzir as plataformas que antes não se produzia aqui.

A indústria de papel e celulose está crescendo fortemente no Brasil, o setor siderúrgico está crescendo no Brasil, o setor de mineração está crescendo no Brasil. Nós temos alguns setores... a indústria automobilística está produzindo como jamais produziu e está vendendo como jamais vendeu. Lógico que os exportadores gostariam que o dólar fosse um pouco mais alto, para ganhar um pouco mais.

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: Mas eles dizem que a taxa de juros é que atrai esse capital especulativo para o país.

Presidente: Veja, em parte pode ser verdade. Mas, também, tem vindo muito capital estrangeiro para investir no setor produtivo. Eu recebo aqui, na minha sala... ainda esta semana fiz uma reunião em São Paulo, com 280 empresários do mundo inteiro, mostrando as oportunidades de investimento no Brasil. Agora, é verdade também que nós temos alguns setores que estão fragilizados. Nesse mundo globalizado, eu estou vendo alguns agora... você sabe que eu tenho a memória boa, Heródoto, não me diga uma coisa importante ou um número importante que daqui a 30 anos, se eu me encontrar com você, eu sou capaz de citar a frase que você me disse.

Eu me lembro de alguns que hoje estão criticando essa liberalidade do mercado, que é (inaudível) proteger as empresas nacionais, que nos anos 90, quando começou a loucura das privatizações, eles diziam na televisão: “quem não tem competência não se estabeleça.” Estão lembrados disso? Não viram muito, tanto quanto eu.

Pois bem, tem alguns setores que estão fragilizados, sobretudo, você falou do setor de calçados. Esse é um setor que está fragilizado e nós já



tomamos medidas. Nós já aumentamos a alíquota para determinados produtos que estão entrando no Brasil e prejudicando algum produto nosso, sobretudo já criamos a salvaguarda contra a China, para evitar que os produtos chineses possam entrar no Brasil e prejudicar a nossa produção. Agora, quando se trata de mercado externo, veja, o Brasil produz 900 milhões de pares de calçados, é o segundo produtor do mundo. A China produz nove bilhões de pares de calçados. Portanto, para competir com a China no mercado internacional, precisa ter muita, mas muita produtividade e muita qualidade e nós todos estamos preocupados. E é por isso que eu reconheci a China como economia de mercado, para levar a China para dentro da OMC, para a gente poder discutir em igualdade...

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: Mas, Presidente, os chineses, artificialmente, desvalorizam a sua moeda em relação ao mercado internacional. A nossa está valorizada. Então, não é uma questão de competência, Presidente, é uma questão de você concorrer em igualdade de condições financeiras e econômicas, o real está muito valorizado. O iuan chinês vale oito por um dólar. Então, eles têm melhores condições de concorrer do que nós. Então, o problema, Presidente, não é só de competência e de produto, o problema está na política...

Presidente: É que nós não vamos desvalorizar o dólar, o real, por decreto. Não vamos desvalorizar por decreto, isso já foi feito e não deu certo. Nós vamos trabalhar para que ele chegue ao nível desejado, a um nível que possa ter equilíbrio sem tomar nenhuma medida de inventar uma mágica na questão do dólar. Eu estou te dizendo e vou repetir aqui, Heródoto, a questão nossa, da indústria de calçados, não é no mercado interno, é no mercado externo. E no mercado externo não são todos os setores, são alguns setores que estão com problema de competitividade. Eu já pedi para o Furlan, o Furlan já fez duas



reuniões com o setor de calçados. Eu devo fazer uma reunião com eles, agora, eu não sei se até o dia 15 de dezembro, e eu quero contribuir para encontrar uma solução para ajudar a indústria do calçado, porque é feita de indústrias pequenas e médias, porque gera muitos empregos. E eu quero resolver.

Agora, nós temos que ter em conta o seguinte: vamos pegar a Argentina, por exemplo, a Argentina estabeleceu uma quota nos calçados para nós. Eu vou ficar nervoso? Não, porque a Argentina tem o direito de querer recuperar uma parte da sua indústria. Outros países vão querer produzir.

A China é um país extremamente competitivo no mundo inteiro. Bom, os chineses têm a sua política econômica, nós temos a nossa. Certamente, em algum momento, a nossa política econômica estará garantindo que o dólar chegue ao seu valor normal, o real chegue ao seu valor normal e isso vai acontecer. Mas não faremos isso por pressão de um setor ou de outro setor. Não faremos isso. Nós vamos fazer isso na medida em que a gente pense na economia...

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: O setor agropecuário também está reclamando, Presidente.

Presidente: No setor agropecuário, nós tivemos um problema de crise, tivemos um problema de crise no setor, muito forte, este ano. Certamente, no ano que vem não teremos esse setor em crise, o governo trabalhou para que a gente pudesse restabelecer o preço mínimo para vários produtos e houve um certo equilíbrio. O setor agrícola, no Brasil, o setor do agronegócio é uma coisa cíclica, ou seja, de tempos em tempos você tem dois ou três anos de crescimento fantástico, e depois você tem um tempo de crescimento.

Este ano, por exemplo, além da seca no Brasil, nós tivemos um excesso de produção de grãos no mundo. E quando todo mundo produz muito, barateia preço. O café é o exemplo maior.



Heródoto Barbeiro – Rede CBN: Esses países usam a sua política econômica para competir melhor no mercado...

Presidente: Usam política de subsídio, que nós não utilizamos. E é por isso que nós estamos brigando na OMC, para que a gente possa acabar com os subsídios dos países ricos, para que os produtos dos países emergentes e dos países pobres possam chegar ao mercado internacional mais valorizados, senão, a competitividade fica desigual.

Luiz Fara Monteiro: Nós vamos chamar, agora, mais um intervalo comercial e voltamos em seguida com o último bloco dessa coletiva de rádio do presidente Lula às redes nacionais de rádio. Voltamos em instantes.

São 9h08. Obrigado a você que nos acompanha em todo o Brasil. Esta é a coletiva do presidente Lula às redes nacionais de rádio: Bandeirantes, Jovem Pan e CBN. Vamos voltar a José Paulo de Andrade, da Rádio Bandeirantes AM e Bandnews FM

José Paulo de Andrade: Presidente, sobre impostos, nós fomos surpreendidos por uma generosa concessão da Susep ao seguro obrigatório de veículos, um aumento de 43% para o próximo ano nesse seguro obrigatório, que é uma excrescência da nossa legislação. O trabalhador brasileiro esperava que com a subida ao poder do PT, o Imposto de Renda na fonte tivesse a correção justa, o que continua não acontecendo. O que se pode esperar em relação ao Imposto, no ano que vem, e aos impostos em geral? Alguma surpresa através de Medida Provisória ou, num ano eleitoral, as coisas mudam, Presidente? Como é que vão ficar os impostos no ano que vem?

Presidente: Ainda bem que nós fizemos fora do ano eleitoral. José Paulo,



você, como jornalista competente e inteligente, sabe o que foi a carga tributária de 1994 a 2002, sabe perfeitamente bem. E sabe que no nosso governo nós fizemos um trabalho imenso para não aumentar as alíquotas do Imposto de Renda e nem as alíquotas de qualquer outro imposto. Entretanto, nós fizemos um desconto, ou melhor, nós já fizemos um desconto de 10% no Imposto de Renda, tem o compromisso do governo com o movimento social de fazer um outro ajuste, para que no nosso governo, a gente possa igualar as alíquotas do Imposto de Renda para as pessoas, sobretudo para os setores da classe média que vive de salário.

Na questão tributária, nós assumimos um compromisso na LDO, e limitamos a carga tributária federal em 16% para 2006. Veja que eu estou remando contra isso que você falou, eu estou remando porque, exatamente em 2006, é que deveria abrir as comportas para arrecadar mais e para gastar mais, e nós limitamos, mandamos uma LDO para o Congresso Nacional limitando em 16% a carga tributária.

Agora, nós estamos vivendo um momento que de vez em quando é importante a gente lembrar, pela primeira vez na história do Brasil recente, indústrias brasileiras estão tendo mais lucro do que os bancos e, portanto, o Imposto de Renda aumentou muito por conta dos lucros das empresas, isso é saudável para as empresas e isso é saudável para o Estado brasileiro.

Nós fizemos, no primeiro ano de mandato, uma proposta de reforma tributária; uma parte, do governo federal, foi aprovada, uma parte, dos governos estaduais, não foi aprovada ainda, porque os governos têm divergências entre eles, uma região não quer isso, outra região não quer aquilo, o ideal seria que fosse aprovada para que a gente pudesse reduzir mais os impostos neste país. Nós, agora, acabamos de aprovar a Medida Provisória 255, que reduz vários impostos, vocês acompanharam bem, nós fizemos uma Medida Provisória reduzindo vários produtos da cesta básica de impostos e a tendência natural é nós irmos à caminhada de redução de mais impostos, para



que a gente possa dar maior dinamismo à possibilidade de investimento no Brasil, para que a gente dê maior dinamismo aos pagadores do Brasil, porque a nossa tese é sempre a seguinte: se o imposto for alto você vai receber de menos gente, se o imposto for mais barato, você corre o gostoso risco de receber de todo mundo, porque tem muita gente que sonega no Brasil, vocês sabem disso. Nós achamos que uma forma de você facilitar o pagamento é você fazer a desonerações no momento certo, e nós já fizemos algumas coisas importantes.

Eu vou dizer para você o seguinte: entre 2003/2004, o Decreto nº 5.173, de 2004, que ampliou a desoneração de bens de capital, é uma importante medida para o setor produtivo. A Lei 10.833, de 2003, introduziu o fim da cumulatividade do Cofins, as Leis 10.865, de 2004, e a nº 10.925, reduziram a zero a alíquota do PIS Cofins sobre diversos produtos da cesta básica: arroz, feijão, farinha, mandioca, ovos, hortifrutigrangeiros. O Decreto 5.172, de 2004, reduziu a alíquota do IOF para seguros de vida de 7% para 4%, em setembro será para 2% e em setembro de 2006 será isenção total.

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: Boa essa lição de casa, hein Presidente? Está boa essa lição.

Presidente: A verdade é essa. A verdade é que nós já fizemos muito. Agora também, o Estado brasileiro não pode, de uma hora para outra, abrir mão de tudo que ele arrecada sem colocar nada no lugar, é preciso ir preparando a economia para que a gente demonstre... o dado mais sério de que nós queremos fazer isso, José Paulo, é a LDO que mandamos, para 2006, limitando em 16% a carga tributária, esse é o dado mais sério de tudo isso e agora o restante nós vamos distribuindo, vamos reduzindo aos poucos. Nós já fizemos algumas medidas provisórias, alguns decretos e vamos fazer mais. Vamos fazer mais por quê? Porque nós entendemos que na hora em que a



gente vai reduzindo os impostos, as pessoas vão percebendo que podem pagar, as pessoas vão pagar, não cometerão o crime de apropriação indébita mais neste país e tudo vai ficar melhor. Essa é a política do governo.

Agora, também é importante saber que tudo isso tem que passar pelo Congresso Nacional, é uma política de negociação, é uma política de ajuste com os partidos, de interesses eleitorais, de interesses estaduais, de interesses municipais, não é uma coisa simples. Isso aqui não é um país que não tem Congresso, que não tem sindicato, que não tem imprensa, que não tem nada. Graças a Deus nós somos um país livre, onde as instituições se movem, se manifestam, gritam. Às vezes até xingam, mas de qualquer forma isso é saudável para a democracia brasileira. E eu acho que é assim que a gente vai consolidar o nosso processo democrático.

Eu, muitas vezes, José Paulo, fico irritado, fico nervoso e eu tenho que contar até dez e dizer: um presidente nunca pode ficar irritado, um presidente numa pode ficar nervoso, porque se um paizão fica nervoso com a sua família, ele não ajuda a família, ele destrói a família. Então, o meu papel é esse, o meu papel é o de tentar fazer com que as coisas funcionem e eu brigava antes, estou brigando agora e vou brigar depois para que a gente tenha uma política tributária justa, sobretudo para beneficiar aqueles que pagam, porque aqueles que pagam começam a se sentir frustrados porque: “puxa vida, eu pago direitinho e, quando chega um ano, vem o governo e faz um Refis que vai beneficiar quem não pagou, e eu continuo pagando; quatro anos depois, aparece outro engraçadinho e faz uma proposta de um outro Refis”. Ou seja, está sempre negociando para os que não pagaram, em detrimento das pessoas justas que pagaram, durante todo o tempo, os seus impostos.

Então, como é que nós vamos fazer isso? Reduzindo os impostos neste país, e vamos reduzir mais, vamos fazer mais legislação, vamos fazer mais medidas que possam ir beneficiando setor por setor, e agora mesmo entramos



no debate do Imposto de Renda, que é uma reivindicação forte do movimento social que nós temos que levar em conta isso para fazer o ajuste correto.

Luiz Fara Monteiro: Falamos ao vivo do Palácio do Planalto. Vamos ouvir José Maria Trindade, da Rede Jovem Pan.

José Maria Trindade – Rede Jovem Pan: Presidente, a situação do senhor no Congresso Nacional, e nós trabalhamos no dia-a-dia do Congresso Nacional, não é fácil. Não vou entrar no mérito, mas a fama do governo é de não cumprir os compromissos dos entendimentos e dos acordos e isso é a moeda do Congresso Nacional. O governo não tem mais maioria no Congresso Nacional nem para aprovar um requerimento, nada. O senhor vai ficar, deve ficar sem o Orçamento para o ano que vem, será um ano eleitoral e o senhor deve ficar sem o Orçamento exatamente porque o governo não tem força para votar o Orçamento.

Presidente, o senhor não fica meio inseguro com o Congresso Nacional dessa forma, sem maioria, sem o apoio firme? O líder, lá, o deputado Arlindo Chinaglia faz o que pode mas a situação não é boa. O senhor deve ter os seus parâmetros, mas o que eu posso dizer é que até os líderes da antiga base governista já estão indecisos. Não é uma situação confortável. Como é que o senhor pretende conviver com essa situação no Congresso?

Presidente: Olha, Trindade, eu não me queixo do Congresso. Eu não me queixo do Congresso porque até agora todas as coisas que nós mandamos para o Congresso Nacional foram aprovadas e foram aprovadas exercitando a democracia na sua plenitude. Quando nós mandamos um projeto para o Congresso Nacional, não é para ele ser votado na íntegra como nós gostaríamos, é para ele sofrer, dentro da Câmara, os ajustes necessários, e muitas vezes para melhor. É importante lembrar que, muitas vezes, a Câmara



e o Senado melhoram os projetos que nós mandamos.

Ora, alguém poderia dizer: “seria mais fácil se não se precisasse do Congresso Nacional”. Nós já tivemos uma época, no Brasil, que não se precisava de Congresso Nacional, o Poder Executivo fazia tudo e não acertou mais do que agora. Significa que o debate não faz mal.

Segundo, o fato de você ter que constituir as maiorias, significa exercitar a democracia. Nós, agora, temos que aprovar o Estatuto Geral da Pequena e Média Empresa, que é uma coisa extremamente importante para o Brasil porque nós vamos facilitar a vida das empresas e facilitar, inclusive, o surgimento de uma empresa que, no Brasil, leva meses e meses para o cidadão abrir e, depois, leva anos e anos para o cidadão fechar essa empresa. Então, nós queremos que seja aprovado o Estatuto da Pequena Empresa.

Nós temos, no Congresso Nacional, a lei da Pré-Empresa. O que é? É você facilitar que pela Internet, pagando nada de imposto, pagando menos Fundo de Garantia, essa pessoa possa, pela Internet, abrir uma empresa. O cidadão que vende cachorro quente, em São Paulo, o cidadão que vende no Rio de Janeiro, o cidadão que vende no Ceará, na Bahia, em Pernambuco, no Acre, esse cidadão poder abrir uma pequena empresa e não ter que ficar correndo da Polícia todo santo dia, como ele corre. E para que a gente faça isso, é preciso que essa lei seja aprovada.

Nós temos o Fundeb, no Congresso Nacional, para ser votado, que é uma revolução na educação brasileira e vai permitir, Trindade, que pelo menos os estados mais pobres do Brasil passem a ter um nível educacional compatível com os lugares mais avançados do Brasil. E temos o Orçamento da União para ser votado.

Eu quero lembrar, se a gente tiver a memória aguçada, que em 1994, quando o Itamar era presidente e o Fernando Henrique Cardoso era candidato, o Orçamento só foi aprovado em março.



É importante a sociedade saber que o Congresso Nacional tem que votar o Orçamento porque, se não votar, o que vai acontecer, quem vai ser prejudicado? É o presidente da República? Quem vai ser prejudicado? É o ministro A ou B? Não, quem vai ser prejudicado são os 187 milhões de brasileiros, os 180 milhões de brasileiros; vai ser prejudicada a população brasileira, porque você não vai poder fazer os investimentos que precisam ser feitos. Então, o Orçamento será aprovado. Fique tranquilo que ele será aprovado, como eu espero que sejam aprovadas as outras leis.

José Maria Trindade – Rede Jovem Pan: O senhor vai convocar o Congresso, Presidente?

Presidente: Eu não discuti ainda se vai ter convocação extraordinária. Eu acho que o Congresso tem até o dia 31 de dezembro para votar e eu espero que vote até o dia 31 de dezembro. Essas coisas já são mais do que discutidas e eu só peço que a sociedade brasileira acompanhe isso com carinho, porque, muitas vezes as pessoas olham apenas para o Poder Executivo e para o Poder Legislativo e não percebem o seguinte: porque as coisas não são votadas com maior rapidez? Elas podem ser votadas.

Agora, no Orçamento, muitas vezes, você já está com o Congresso não funcionando, e um deputado só fica pedindo verificação de quorum e obstrui tudo, quer dizer, é preciso que a sociedade acompanhe isso. O Orçamento não é do presidente da República, o Orçamento, ao ser aprovado pelo Congresso Nacional, é um Orçamento do Brasil. É o dinheiro que nós vamos ter disponibilizado para gastar. Se tiver algum irresponsável que não queira aprovar, ele que diga que não quer aprovar, mas diga à opinião pública que não quer aprovar, porque o país precisa do Orçamento. Então, eu acho que o Congresso não tem nos criado dificuldades, tem feito debate.



Eu fui deputado constituinte, fui oposição, eu sei qual é o papel da oposição. Eu confesso a você que, quando eu era oposição no Congresso Nacional, eu era uma oposição de esquerda mais *light* do que a oposição de direita feita a mim. Em determinados momentos, o setor de direita parece muito mais raivoso do que a esquerda já foi em qualquer momento histórico do Brasil. Mas isso faz parte da cultura política do Brasil. E isso vai ensinando o povo, podem ficar certos de que o povo vai aprendendo. A cada comentário que você faz na rádio, a cada comentário que faz o José Paulo, as pessoas vão meditando: “será que ele falou tudo aquilo, será que é tudo aquilo verdade? Eu vou ver.” E ele vai filtrando aquilo, ele vai fazendo juízo de valor e vai aperfeiçoando as instituições democráticas, a política brasileira. É assim que eu vejo. E confesso a você, não me queixo da relação com o Congresso Nacional.

Luiz Fara Monteiro: Estamos ao vivo do Palácio do Planalto e vamos ouvir agora Heródoto Barbeiro, da Rede CBN. São 9h24.

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: Presidente, o senhor tem comemorado o crescimento econômico do país. Eu acho que é uma comemoração que todos têm que fazer, não só o governo, a oposição, a população, todo mundo tem que estar contente quando o país está crescendo.

Agora, Presidente, o crescimento do Brasil está muito abaixo do nível da média do crescimento mundial. Os economistas, inclusive, alguns famosos que eu conheço e tenho entrevistado recentemente, têm dito que o país não cresce no mesmo ritmo que cresce o mundo, nem cresce no mesmo ritmo que cresce a América Latina. Nem vou tomar como exemplo a Argentina, porque a Argentina não é parâmetro por causa da crise recente. Mas o Brasil está crescendo muito pouco em relação ao mundo. E ainda assim nós estamos comemorando, porque é alguma forma de crescimento.



Agora, Presidente, eu estive fazendo, rapidamente, a média aqui, o crescimento do governo do senhor, que foi qualificado por alguns economistas como medíocre, vai ficar na média dos governos anteriores, vai ficar na média do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Quer dizer, o Brasil não cresce mais, Presidente, por causa da sua política econômica? É por isso que o país não está, pelo menos, acompanhando a média mundial de crescimento econômico?

Presidente: Você está muito pessimista. Nós não terminamos 2005 ainda, temos todo o ano de 2006 e eu só posso te dizer o seguinte: eu estou mais otimista do que você. Em 2006 nós vamos crescer muito mais forte, há todas as condições para que a gente cresça muito mais forte. Vocês são testemunhas de que eu não jogo a culpa em cima de ninguém. Eu quero trazer para mim a responsabilidade de tudo que aconteça neste país, porque é para isso que eu fui eleito. Mas eu estou convencido de que a economia vai crescer muito mais fortemente em 2006 e que, portanto... eu acabei de dizer, no começo da entrevista, vamos esperar para a gente julgar tudo isso no dia 31 de dezembro de 2006.

Veja, Heródoto, nós estamos com 35 meses de governo, todo mundo sabe que 2003 foi um ano em que nós comemos o pão que o diabo amassou neste país, para evitar que o país ficasse um desastre, porque nós tínhamos que controlar fortemente a inflação, porque nós tínhamos os preços administrados. No contrato estava previsto aumentar 30%, para uma inflação de 12%, e nós tínhamos assumido o compromisso de não romper contrato. E se rompesse o contrato, você ia bater em mim como jamais alguém bateu. Então, nós cumprimos a nossa parte. Todos esses preços administrados estão, agora, com um percentual muito pequeno de reajuste.



Então, agora não vai precisar mais o sacrifício de controlar a inflação como nós fizemos nos primeiros anos e, portanto, a economia vai voltar a crescer, o juro vai descer. Por isso que eu estou otimista para 2006.

A segunda coisa, Heródoto, para mim, na minha cabeça, se o Brasil crescer durante dez anos, 4%, ou durante 15 anos, 4%, o Brasil sairá da fase dos países emergentes e passará para a fase dos países desenvolvidos. Eu estou convencido disso.

Por isso é que eu prefiro que a gente cresça, não no nível de 10%, já crescemos 10% e não distribuimos renda.

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: Crescemos menos que a média mundial, Presidente, menos que a média da América do Sul.

Presidente: Nós temos países desenvolvidos que não crescem tanto quanto o Brasil. E nós temos países na América do Sul que crescem mais do que o Brasil porque esses países, diferentemente do Brasil – vários países – chegaram a perder 14%, países que tiveram a sua indústria totalmente destruída. E esses países estão começando de um patamar muito inferior ao que o Brasil começou. Portanto, eu acho que é muito simplista comparar o Brasil com qualquer outro país. Nós temos que comparar o Brasil com a nossa lógica, com a nossa realidade e conscientes de que o Brasil é um país que tem uma indústria forte, tem uma indústria competitiva, é o país mais forte da América Latina, é a economia mais forte.

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: O senhor acha, então, que se ficar na média do governo anterior, está bom?

Presidente: Não, nós vamos passar a média do governo anterior. Foi para isso que o povo me elegeu. Nós vamos passar. Vamos passar a média do governo



anterior e eu só posso dizer isso para você quando a gente fizer a comparação dos quatro anos de governo, porque eu estou dizendo o seguinte: nós tivemos o ano de 2003 perdido, e foi perdido porque nós fizemos um ajuste muito forte e não deixamos de fazer política social.

Veja, essa que é a coisa importante, Heródoto. Mesmo no ano que nós fizemos um ajuste muito forte e fizemos um sacrifício econômico para o Estado muito forte, começamos o governo fazendo um contingenciamento de 14 bilhões de reais, entretanto, a política social foi muito forte naquele ano e tudo estava começando naquele ano. Plantamos o Bolsa Família, plantamos o programa Fome Zero naquele ano e está dando resultado agora. Tivemos 2004, eu diria, razoavelmente bem, vamos ter um 2005, eu diria, melhor do que tivemos 2003, não chegaremos a 2004, e vamos ter um 2006 melhor do que 2004. Por isso, eu acho que a média brasileira vai ser melhor e estamos dando passos importantes. Eu, um a mais, um a menos, Heródoto, não me comove se não tiver garantido a solidez de um ciclo duradouro de crescimento no país.

Eu vislumbro e trabalho muito mais com a idéia de que a gente cresça dez anos, 15 anos seguidos, do que crescer um ano muito e um ano... Veja, o sucesso do Plano Cruzado, que aparece na PNAD com muita força, o que aconteceu com o Plano Cruzado, que foi um sucesso extraordinário? Ele durou de janeiro a outubro. Por quê? Porque no momento em que chegou o mês de julho, em que se discutia a necessidade do ajuste, como tinha eleição, não foi feito o ajuste e, não fazendo o ajuste, depois todos nós ficamos com as deficiências do Plano. O plano Real foi a mesma coisa. Então, eu não quero mágica. A pressão da sociedade é legítima, as críticas são legítimas, mas nós precisamos ter certeza do seguinte: o governo... o médico, quando está na sala de cirurgia, que examinou o paciente, fez todo o diagnóstico, analisou, não pode ficar fazendo a cirurgia e ouvindo os palpites em volta dele, porque também ele mata o paciente. Eu conheço muita gente que, de fora do governo, sabe tudo e que, de dentro, não soube nada. Eu conheço muita gente.



É como ver um jogo de futebol, todo mundo fala: “por que o Tevez perdeu aquele pênalti contra a Ponte Preta? eu marcaria, chutaria ali, chutaria ali.” Vai lá chutar para ver se chuta, vai colocar o guizo no pescoço do gato para ver se coloca. Então, meu caro, eu vou contar uma coisa para você. Esse ponto de equilíbrio, Heródoto, é que nós precisamos para governar o Brasil. Não permitir que muitas vezes a crítica correta, justa, legítima, democrática, faça com que você tire um ministro “A” ou “B”, não permitir que a cada crítica você tente inventar uma mudança porque, aí, ninguém passa a crer em você. Você, quando vai num hospital procurar um médico, se o médico é bom e você confia, ele pode até errar na cirurgia, mas você está satisfeito porque ele é o melhor.

Nós estamos num momento bom da economia brasileira, gente, creiam nisso. O resultado da PNAD não é pouca coisa, José Paulo, Heródoto e Trindade, não é pouca coisa, quando eu vi a exposição da PNAD eu fiquei emocionado porque os dados são fortes, porque pela primeira vez, em décadas e décadas, as camadas mais pobres da população sobem, pela primeira vez em décadas e décadas, milhares de lares que não tinham nenhuma renda, passaram a ter renda.

Quando eu vi aquelas mulheres, aquelas meninas da Terceira Idade lá de Caicó, no estado do Rio Grande do Norte, devolvendo o cartão Bolsa Família, Heródoto, uma coisa fantástica porque, o que aconteceu? Uma mulher recebeu o Bolsa Família, comprou pintinhos, franguinho novo; aí, recebeu no outro mês e comprou mais; daqui a pouco ela tinha uma galinhada, daqui a pouco ela estava vendendo ovos de galinha caipira na feira. Ela tomou a iniciativa de devolver o cartão dizendo: “eu já arrumei o meu meio de vida, agora é para dar para outro que precisa”. Além disso, gente, eu vou dar uma coisa para vocês aqui, se vocês me permitem, abusando dos ouvintes de vocês: se nós pegarmos o poder aquisitivo do salário mínimo em São Paulo, vamos pegar São Paulo, o que o trabalhador poderia comprar? Em 2002, ele



poderia comprar 29 quilos de carne com um salário mínimo; hoje, ele pode comprar 35,9 quilos de carne, 23% a mais; leite, ele podia comprar 170 litros em 2002; hoje, ele pode comprar 206 litros, 21% a mais. Feijão, ele podia comprar 77 quilos; hoje, ele compra 96 quilos. Arroz, ele podia comprar com o salário mínimo, 173 quilos; hoje, ele pode comprar 240 quilos de arroz. Pão, ele podia comprar 48,8; hoje, ele pode comprar 61 quilos.

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: Então, o salário mínimo não vai subir?

Presidente: Vai subir. Cimento, eu não falo. Esses, Heródoto, eu nem sabia. Esses dias eu estava no aeroporto, em Governador Valadares, e um cidadão gritou: “presidente Lula, sabe porque a tua oposição está nervosa e está te criticando? É porque eu pagava 22 reais no saco do cimento e estou pagando 10, agora, Presidente. É porque eu pagava – eu não vou falar o nome do arroz para não fazer propaganda – o arroz, em 2003, 11 reais e agora estou pagando 4,90 o saco de cinco quilos, Presidente.”

Mas deixa eu dar mais um dado para vocês, porque como vocês trabalham todo dia, todo dia duas horas de programa, isso aqui seria importante até que vocês aferissem. Vejam as horas que o trabalhador precisava para comprar algumas coisas. Para comprar carne, o trabalhador precisava – um quilo de carne – precisava trabalhar sete horas, quem ganha o salário mínimo. Hoje, precisa trabalhar seis. Leite, ele precisava trabalhar uma hora e 18 minutos; hoje, uma hora e seis minutos. Feijão, ele precisava trabalhar duas horas e 54 minutos, hoje ele precisa trabalhar duas horas e 12 minutos. Arroz, ele precisava trabalhar uma hora e 18 minutos, hoje ele precisa trabalhar uma hora. Então, ele precisava trabalhar quatro horas e 42 minutos para comprar um quilo. Hoje, ele precisa três horas e 42 minutos. Cimento, ele precisava de 24 minutos, hoje precisa de 18 minutos.



Ainda mais, veja aqui as horas remuneradas que o trabalhador precisava para comprar itens da cesta básica. Para comprar seis quilos de carne, precisava de 45 horas, hoje precisa de 37 horas. Para comprar sete litros e meio de leite, ele precisava de dez horas, hoje precisa de oito horas. Para comprar quatro quilos e meio de feijão, precisava de 13, hoje precisa só de dez horas. Para comprar três quilos de arroz ele precisava de quatro horas, hoje precisa de três. Para comprar seis quilos pão, ele precisa de 28 horas, hoje precisa de 22 horas.

Bem, eu estou dando isso aqui, a cesta básica completa, ele precisava de 155 horas de trabalho, hoje precisa apenas de 126 horas. Isso, sabe o que significa? Isso significa que a gente pobre deste país está melhorando a sua vida, está comendo mais, está tendo acesso a coisas que ela não estava. Esse é o dado, essa é a revolução da pesquisa da PNAD. E que tem que melhorar mais. Eu não estou contente com isso não. Eu estou feliz, mas eu quero... nós podemos fazer mais e vamos fazer muito mais, pode ficar certo que nós vamos fazer muito mais.

Eu me lembro que quando eu cheguei aqui e propus que a gente discutisse a questão do crédito consignado, muita gente: “não, isso não vai dar certo.” O crédito consignado virou a maior revolução de crédito para o consumo na história deste país, ou seja, pela primeira vez o trabalhador teve direito ao empréstimo sem precisar do agiota, a juros por menos da metade daquilo que ele pagava habitualmente, sem comprometer a totalidade do seu salário. Os aposentados, já são cinco milhões de aposentados. Sempre que eu falo, eu falo da minha sogra, porque a minha sogra um dia falou assim para mim: “Lula, não dá para eu tomar um dinheirinho emprestado para eu ter em casa?” Eu falei: “Vó, você quer tomar dinheiro emprestado para ter em casa, pagando juros?” “Mas é tão bom ter um dinheirinho em casa!” Essas pessoas precisam, no final do ano, fazer uma viagemzinha, precisam comprar um presentezinho



para o neto. Se ele puder pagar uma prestação pequena e tiver acesso, isso é um benefício extraordinário.

E nós estamos fazendo isso, isso não estava, viu Heródoto, José Paulo e Trindade, isso não estava nos livros da macroeconomia, isso é uma coisa prática que nós fomos criando aqui em função do atendimento das reivindicações.

O microcrédito brasileiro hoje é muito forte. Eu sonho, ainda, em transformar o Brasil no maior país cooperativado do mundo, eu sonho. Eu digo sempre o seguinte: porque os comerciantes de uma cidade, ao invés de ficar criticando a taxa selic, que devem criticar e podem criticar, não estou pedindo para não criticarem, não montam uma cooperativa de crédito na sua cidade, se cotizam e vão começar a financiar? Seria extraordinário se nós tivéssemos milhões ou milhares de cooperativas neste país, para que as pessoas pudessem abolir, de uma vez por todas, a agiotagem, e essa atitude iria fazer os juros diminuírem, com maior tranqüilidade. Então, eu estou provocando a sociedade para que ela tenha mais iniciativa, que faça mais as coisas e não fique dependendo.

Heródoto Barbeiro – Rede CBN: : por que os bancos oficiais não fazem isso, Presidente?

Presidente: Bom, os bancos oficiais mudaram muito. Veja, eles estão subordinados à mesma regra do sistema financeiro normal, mas os bancos... José Paulo, quando eu entrei aqui, a primeira coisa que nós descobrimos é que muitos gerentes dos bancos, pelo Brasil afora, não sabiam mais atender o pequeno agricultor. A Caixa Econômica instituiu a política de bancarização, em pouco tempo foram quase 5 milhões de pessoas que abriram conta. Nós estamos abrindo crédito para pessoas que não têm crédito, que não têm conta bancária, ou seja, nós estamos dizendo o seguinte: olha, para ter uma conta no



banco não precisa ser capitalista não, pode ser um companheiro que trabalha catando papel, pode ser um companheiro que quer tomar 100 reais emprestados.

O microcrédito no Brasil é muito forte. Antes, se o governo tinha colocado em disponibilidade 30 milhões por ano, nós colocamos 600 milhões por ano para o microcrédito. Algum dia, isso vai desovar, vai aparecer.

Meus queridos, saneamento básico neste país, entre 1998 e 2002, não existia. Nós, em 35 meses, colocamos mais de 15 vezes dinheiro para o saneamento básico do que foi colocado nos 4 anos do governo anterior. Não apenas disponibilizamos, mas liberamos e isso vai gerando empregos ao longo do tempo, porque você sabe que nós, quando colocamos o dinheiro em disponibilidade, a cidade se inscreve. Nós agora estamos mudando porque a cidade fica numa fila, entra na fila e aí não tem condições e nós não podemos colocar o segundo colocado. Agora, estamos mudando para que se uma cidade não tiver condições, porque está endividada, ou se a empresa de saneamento daquele estado não puder, nós passamos o segundo colocado, o terceiro colocado, porque nós queremos é fazer saneamento básico.

Dizem os especialistas em saúde que, para cada real que nós investimos no saneamento básico, nós economizaremos quatro na saúde. Ou a idéia de que fica mais barato você evitar que a pessoa fique doente do que cuidar da pessoa depois que ela está doente.

Eu acho que essas coisas estão acontecendo, vão acontecer e eu quero aqui, até assumir um compromisso com vocês. Em algum momento do ano que vem, quem sabe vocês três aqui, vamos fazer um balanço do que aconteceu no Brasil, um balanço fiel em que, ao terminar a entrevista, dê por escrito para vocês todas as coisas que eu falei para que vocês possam pesquisar, analisar todos os governos anteriores a mim, pode pegar de Juscelino para cá, pode pegar e vamos avaliar. Aí, sim, a gente vai construindo uma nova história.



Por isso eu estou feliz, Heródoto, José Paulo e Trindade, estou feliz porque as coisas estão acontecendo e eu tenho que ter muita força positiva do meu lado, porque o que tem de gente adversária querendo que as coisas não aconteçam, é uma coisa muito forte, mas como eu acho que o povo brasileiro está compreendendo, eu estou certo de que nós iremos colher muitos frutos para o povo brasileiro nos próximos meses.

Luiz Fara Monteiro: Nós agradecemos a participação de José Paulo de Andrade, da Rede Bandeirantes de Rádio; José Maria Trindade, da Rede Jovem Pan, e Heródoto Barbeiro, da Rede CBN. Esta entrevista foi promovida pela Secretaria de Imprensa e Porta-Voz da Presidência da República, coordenada pelo professor André Singer. Obrigado, presidente Lula, obrigado, amigos, e até o nosso próximo encontro.

Presidente: Obrigado Luiz, obrigado, Heródoto, obrigado, José Paulo e obrigado, Trindade. Eu espero que a gente possa repetir isso em outros momentos com a mesma sinceridade com que fizemos este programa aqui, eu espero que a gente possa fazer outros e com a mesma franqueza que vocês tiveram hoje de perguntar aquilo que entendem que devam perguntar, porque vocês, no fundo, no fundo, têm que prestar esclarecimentos e têm que prestar contas aos ouvintes de vocês, não ao presidente da República, mas sim aos ouvintes.

Eu quero também agradecer aos ouvintes da CBN, aos ouvintes da Bandeirantes, da Jovem Pan, que tiveram paciência de, pelo menos, me aturar até agora. Que Deus abençoe todo mundo.

Luiz Fara Monteiro: São 9h43, um abraço a você e uma boa quarta-feira em todo o Brasil.